

DIÁLOGO ENTRE A PSICOTERAPIA E O CONTEXTO PÓS-MODERNO

*Jairo Sapucaia**

RESUMO — *No esforço para acompanhar a rápida evolução social, a humanidade está ameaçada por uma epidemia de depressão, cujo enfrentamento envolve o recurso à quimioterapia e à psicoterapia. As mudanças afetam a noção de individualidade, fundamental no Iluminismo. A psicoterapia, reunindo manancial de reflexão teórico-prática, investe na recuperação do padrão emocional básico do indivíduo. Configura-se uma resposta à emergência de novos e surpreendentes determinantes culturais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Autonomia; Depressão; Identificação.*

O BEM-ESTAR PSÍQUICO, UMA QUESTÃO SOCIOCULTURAL

A questão da saúde mental, com suas implicações no relacionamento interpessoal e em seus desdobramentos para a vida e o bem-estar coletivos, tem preocupado particularmente a OMS (Organização Mundial de Saúde). O psiquiatra Jorge Alberto Costa e Silva, diretor de Saúde Mental da OMS, até data recente, e primeiro médico do Hemisfério Sul a ocupar a direção da Associação Mundial de Psiquiatria, profetiza que o século XXI será das doenças do cérebro, "resultado do esforço descomunal do ser humano para acompanhar a rápida evolução social" (SILVA, 1997, p. 5). Em entrevista a *Isto É* (ISTO É/1470-3-12-97, p. 5-7), sugestivamente intitulada "O mal do século XXI", ele afirmava ser a depressão a quarta colocada no ranking das doenças mais caras para a sociedade, com perspectiva de saltar para o segundo lugar até 2010, e que os fatores causais externos têm metade procedência biológica e metade ambiental. Dentre estes, "o desemprego ocupa lugar privilegiado". Tal

*Prof. Titular (DCIS/UEFS). Mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS). E-mail: jairosapucaia@ig.com.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de CIS.
Tel./Fax (75) 3224-8049 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: cis@uefs.br

enfermidade já atingia 7,5 milhões de pessoas só no Brasil. As doenças mentais foram, afinal, identificadas como doenças e grave problema de saúde pública. A desinformação é, mais uma vez, o maior problema social, pois leva o paciente a grave perda de tempo e recursos (SILVA, 1997, p. 5). Sobre o papel da psicanálise no tratamento, respondeu:

Nenhum. Freud foi o primeiro a admitir que ela não funciona para tratar a depressão por vários motivos. O principal é que o deprimido é um prisioneiro do passado. Ele remói as suas culpas e não vê perspectiva de futuro. A psicanálise se baseia entre outras coisas num processo de regressão. O terapeuta estimula o paciente a falar de seu passado, principalmente da infância. Ora, se o sujeito já é prisioneiro de suas lembranças, vamos jogá-lo ainda mais para trás? Fazê-lo sofrer mais? Admito que as psicoterapias cognitivo-comportamentais ajudam, na medida em que ensinam o paciente a encarar a doença e a não repetir comportamentos que poderiam conduzi-lo a uma nova crise. Mas o fundamental é o tratamento bioquímico (SILVA, 1997, p. 7).

Em entrevista recente ao âncora Boris Casoy, passava-se a limpo a confusão corrente entre o problema do bem-estar psíquico do cidadão e a utilização de recursos bioquímicos ou de drogas, convertidas em “pílulas da felicidade” – inclusive aquelas que podem produzir excelentes resultados ante disfunções diagnosticadas pelo médico. Advertiu então o mesmo psiquiatra que a depressão, dentre outras patologias, tem sintomas semelhantes a situações normais da vida, tal como tristezas e ansiedades passageiras. No entanto, algumas pessoas estão apelando para as drogas, medicamentosas ou não, visando à superação dessas crises regulares. A relação do indivíduo com o mundo implica sempre uma certa angústia existencial, cuja contemporização esteve tradicionalmente afeta aos rituais, ao uso de chás e até de bebidas alcoólicas, no convívio social. Houve, porém, uma banalização desses usos, com o estímulo ao prazer imediato

e artificial. A alternativa de fuga ilusória ao princípio de realidade substituiu o verdadeiro bem-estar.

Moveu-nos à elaboração deste ensaio o propalado estado de desamparo do sujeito humano na modernidade, ante o desafio de adaptação ao crescente ritmo de mudanças em pouco mais de um século, sem paralelo na história, ao qual o nosso aparelho psíquico, como órgão de síntese e integração da relação do ser humano com o ambiente, ainda está inadaptado, do mesmo modo que o nosso sistema corporal. A boa prática social solicita tal debate, face ao desafio de convivemos socialmente numa civilização comprometida em excesso com a racionalidade, com as funções lógicas do cérebro e as virtualidades “miraculosas” dessa hipertrofia. Por outro lado, supomos poder aventar uma hipertrofia correlata do “irracional”, do apelo aos sentidos, da espetacularização da vida, dos “jogos de ilusão”, da exploração da fé, etc. Seriam essas dimensões da vida atual um subproduto do sistema racionalista em curso?

Partiremos da concepção da psicoterapia como prática social, ou seja, “o tratamento por meios psicológicos de problemas de natureza emocional”, valendo-nos de um instrumental que abrange inclusive a Análise do Discurso Crítica - ADC (FAIRCLOUGH, 1992). Este aspecto de nossa abordagem terá como escopo uma contextualização do discurso específico da psicoterapia, como último componente de uma representação da prática social através de três círculos concêntricos. O círculo externo e mais abrangente corresponde ao sistema social, onde reside a *matriz social do discurso*, ou seja, *a situação-problema que requisita a reflexão e o debate, pelos membros da comunidade*. O segundo círculo, intermediário, representa a intertextualidade, o debate sobre o mesmo tema, nos veículos de comunicação. O discurso a considerar, último elo dessa série concêntrica, estaria inserido nesta intertextualidade específica. Portanto, conforme esse modelo, cada texto editado é um recorte particular do dinâmico debate social, no qual a comunidade discute os meios de satisfazer a suas demandas e de agregar valores à prática social.

A pauta do debate será, aqui, a pertinência do discurso de diversas linhas psicoterapêuticas, em seguida delineadas, em

face do quadro de disforia sistêmica que vem de ser delineado, *abstraído o exame de suas implicações ideológicas, inextricável do sujeito interessado na questão*. Vêm a propósito as considerações do filósofo e sociólogo Gilles Lipovetsky sobre a modernidade tardia:

Atravessando sozinho o deserto, carregando-se a si próprio sem qualquer apoio transcendente, o homem de hoje caracteriza-se pela *vulnerabilidade*. A generalização da depressividade deve ser atribuída não às vicissitudes psicológicas de cada um ou às “dificuldades” da vida atual, mas sim à deserção da *res publica*, que varreu o terreno até a emergência do indivíduo puro (LIPOVETSKY, 1989, p. 44).

Aqui, nos ocuparemos de contextualizar a urgência de recursos psicoterapêuticos, face a esse mal-estar emergente, assumindo proporções epidêmicas. Em caráter propedêutico, visando a ilustrar o método de abordagem da Análise do Discurso Crítica (ADC), citaremos a invenção de Victor Frankl, na Áustria, na primeira metade do século passado, denominada Logoterapia. Aquele país fora invadido pelas tropas de Hitler, e Frankl ficou aprisionado no campo de Auschwitz, onde morreram todos os membros de sua família: seus pais, irmãos e sua esposa grávida. A vivência dessa tragédia frutificou no método psicoterapêutico da Logoterapia, que fora comprovado já no âmbito das interações assistenciais do seu descobridor com outros prisioneiros do campo. O segredo da higidez psíquica para Frankl, perante as contingências traumáticas da vida, estaria na satisfação da vontade de sentido que caracteriza o inconsciente. A descoberta e a atuação do significado fundamental das vivências pelo próprio indivíduo seria a meta a colimar na psicoterapia e a condição genérica da saúde mental, mesmo nas condições mais degradantes e abusivas (FRANKL, 1989). Observe-se que essa premissa, princípio que justifica o método, estava circunscrita no sistema social vigente, contexto devastador dos valores e crenças pessoais, agravado pelas práticas nazistas. O confronto com esse fato social é o pressuposto que justifica sua teoria. A Logoterapia surgia, deste modo, em face de um sistema social particular, intertextualizada como produto de formação discursiva historicamente demarcada. Ao dialogar com outros

discursos e psicoterapias, recebia subsídios do pensamento existencialista. Assumia, apesar de sua origem localizada, conotações universais. A fragmentação e deslocamento dos valores e crenças, peculiares à era pós-moderna, iniciada em meados do século XX, têm tragado e transformado em modas passageiras as mais diversas escolas de psicoterapia, como diz o *Dicionário de psicanálise*:

Todas as escolas de psicoterapia do século XX – havia no mundo 500 delas em 1995 – são identicamente organizadas. Sejam elas nascidas de dissidências, cisões ou separações do freudismo, todas são representadas por um líder, que serve simultaneamente de promotor da cura, terapeuta e mestre pensante para seu grupo. Criadas por homens ou mulheres que têm, cada um deles, uma doutrina própria, e que, tal como Freud, colocam-se em vida como fundadores de um sistema de pensamento, essas escolas em geral desaparecem após a morte de seus fundadores, dos quais, então, resta apenas a obra (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 625).

Entrevistas com psiquiatras sobre os distúrbios psíquicos e a abordagem atual referente a esses orientam os beneficiários potenciais da psicoterapia, ressaltando, através da mídia, sua utilidade, como subsidiária ou não da quimioterapia. A experiência médica conduziu a assistência especializada a certa padronização. É reconhecida a vantagem, por exemplo, do método cognitivo comportamental com relação ao tratamento da depressão.

Em face do quadro diversificado da psicopatologia, centralizaremos o enfoque deste ensaio na abordagem de uma enfermidade crônica, recém-catalogada sob o nome de *distímia: a síndrome do mau humor* (um tema dos mais prevalentes em termos de saúde pública). Deveremos examinar o seu tratamento em sua interface com o contexto de generalização da depressividade. Sua abordagem passará pelo crivo epistemológico, ao tempo em que aferidas as conseqüências sociais das teorias psicológicas e das terapias, porquanto consideramos que, "em suma, a subjetividade social é cada vez mais o produto da objetivação científica" (SANTOS, 1989, p. 13). Como critério epistemológico,

baseamo-nos no pensamento sociológico de Boaventura de Souza Santos e em sua crítica à epistemologia pós-moderna, quanto à função da ciência na perspectiva das ciências sociais. Segundo ele,

A hermenêutica sociológica das condições de produção e apropriação do conhecimento é, assim, indispensável para saber como se constituem e distribuem socialmente os sujeitos sociais e seus objetivos e, portanto, como se desenrolam os processos de potenciação e de degradação da subjetividade social (SANTOS, 1989, p. 13).

Para esse efeito, arrolaremos preliminarmente as características fundamentais do *subtipo depressivo*, conforme foram enumeradas em livro recente, dirigido por psiquiatras e especialistas ou não. Para Kurt Schneider (1950), tais características são:

1. o pessimismo, a tristeza, a seriedade e a incapacidade de sentir prazer ou relaxar;
2. a desconfiança;
3. a preocupação exagerada com o sentido da vida;
4. a noção extrema do dever, são operosos e rígidos;
5. o ceticismo extremo;
6. a autocrítica exagerada (CORDÁS, NARDI, MORENO, 2002, p. 21).

E, mais adiante, sobre o tópicio distímia:

Segundo as diretrizes diagnósticas da CID-10 (OMS, 1993 apud CORDÁS), “o aspecto essencial é uma depressão do humor muito duradoura, a qual nunca ou apenas raramente é grave o bastante para preencher os critérios para transtorno depressivo recorrente, gravidade leve ou moderada (Idem, p. 28).

(...) A distímia é pouco diagnosticada e tratada, talvez devido à sua identificação recente como entidade clínica. Isso significa que muitos clínicos gerais e psiquiatras não estão familiarizados com esse diagnóstico. Pesquisas clínicas têm mostrado

que muitos casos diagnosticados como transtorno de personalidade eram, na verdade, depressão crônica (AKISKAL, 1985; KOCSIS et al., 1991, p. 74, apud CORDÁS).

UM RECORTE DOS ESTUDOS CULTURAIS

O sistema social interpela os sujeitos sobre a identidade cultural desses, ao tempo em que lhes assinala diferentes possibilidades de identificação, facultando assumirem determinado papel social e, diante disso, afetando seu modo de ser. Entretanto, os estudos culturais diagnosticaram a situação hoje experimentada pela sociedade como uma “crise de identidade” generalizada, causada pelas rápidas mudanças na identidade, verificadas nas últimas décadas, no ambiente livre da modernidade ocidental. O sintoma dessa crise é a fragmentação da identidade cultural, ou seja, o deslocamento do centro de referência nas representações e auto-representações do sujeito. Tal situação implica estar o sujeito sob o fogo cruzado de diversas identidades, pelas quais é contraditoriamente interpelado, ao tomar posição frente a questões vitais como: *Quem eu sou? O que poderia ser? Quem eu quero ser?* Contra o pano de fundo de um cenário globalizado e multicultural, avulta hoje o conflito vivido pelas subjetividades, devido à incongruência das identidades que aliciam os sujeitos. No contexto global, a crise estaria relacionada a preocupações com as identidades nacionais e étnicas e, no contexto mais “local”, traduzida em preocupações com a identidade pessoal, como, por exemplo, com as relações sociais e a política sexual. As reflexões sobre essa nova interpelação do sujeito tiveram sua antecipação na “revolução teórica total”, ou seja, na rejeição da crença na essência universal do homem como base teórica, abolição proposta pelo marxismo em meados do oitocentos (SILVA, HALL, WOODWARD, 2000, p. 16).

A modernidade articulou uma filosofia social individualista e competitiva a uma concepção da natureza como objeto de exploração e controle externos, sobretudo após a Revolução Industrial. Esse controle, que seria estendido ao homem e a sua subjetividade, é pautado numa visão mecanicista e matematizada

do universo, tendo como correlato o desprezo do fenômeno estético e da afetividade humana. Como reflexo dessa ideologia de controle e exploração externa do mundo e do homem, o conhecimento científico é vazado num discurso anormal, inatingível pelo cidadão médio. O conhecimento que move a civilização, por sua natureza distante e inatingível, implica o controle pelo outro.

Em compensação, uma reflexão hermenêutica visa transformar o distante em próximo, o estranho em familiar, através de discurso orientado pelo desejo de diálogo com o objeto da reflexão, para que esse nos “fale” numa linguagem que nos seja compreensível. Aprofundar a autocompreensão do nosso papel na construção da sociedade faz-se tanto mais importante quanto é verdade que o discurso científico “tem se tornado, no seu todo, um discurso incomensurável com os discursos normais que circulam na sociedade e dão sentido às práticas e relações sociais individuais que a constituem”. Graças ao desenvolvimento tecnológico da comunicação produzido pela ciência moderna, é possível hoje a criação de “uma configuração de conhecimentos que, sendo prática, não deixe de ser esclarecida e, sendo sábia, não deixe de estar democraticamente distribuída” (SANTOS, 1989, p. 41-42).

Mudanças sub-reptícias, porém fatais, abalando o “chão de crenças” em que nossa *prática social* está assentada, contribuem para a crise de identidade e seus transtornos:

Depois de três séculos de prodigioso desenvolvimento científico, torna-se intoleravelmente alienante concluir (...) que a acumulação de tanto conhecimento *sobre* o mundo se tenha traduzido em tão pouca sabedoria *do* mundo, do homem consigo próprio, com os outros, com a natureza. Tal fato, vê-se agora, deveu-se à hegemonia incondicional do saber científico e à conseqüente marginalização de outros saberes vigentes na sociedade, tais como o saber religioso, artístico, literário, mítico, poético e político, que em épocas anteriores tinham em conjunto sido responsáveis pela sabedoria prática (a *phronesis*), ainda

que restrita a camadas privilegiadas da sociedade (SANTOS, 1989, p. 147).

Novas tecnologias põem em xeque valores cediços, ao tempo em que a desigualdade social iníqua tornou-se um obstáculo para o compartilhamento das conquistas e benesses da ciência. Vejamos o que nos estaria reservado com relação ao projeto social do Iluminismo, em face de recentes tecnologias, prenhas no âmbito do sentido da vida humana. Surgem questões sobre o nosso papel na construção da sociedade ou do mundo da vida, quando a tecnologia tiver decifrado completamente os processos constituintes e as estruturas da memória, da cognição e da personalidade, e nos tiver dado controle sobre elas; quando formos capazes de compartilhar ou vender nossas habilidades, características de personalidade e memórias; quando alguns indivíduos começarem a abandonar a individualidade por novas formas de identidade coletiva.

O edifício do pensamento ético ocidental desde o Iluminismo estará em uma crise terminal. As tendências políticas e éticas que hoje são previsíveis, enquanto o Iluminismo avança para seu *telos*, se tornarão imprevisíveis. Enquanto os transumanistas trabalham para completar o projeto do Iluminismo, a mudança para um padrão de lei e ética baseado na consciência, também devemos preparar valores políticos e uma ética social para a era além do indivíduo autônomo e singular (HUGHES, 2001, p. 10).

O *sistema social* constitui o *locus* onde os sujeitos apreendem a premissa de sua ação discursiva, a partir da qual argumentarão em prol de alguma reivindicação a satisfazer (*matriz social do discurso*). Neste ensaio, examinamos a prática social em face da demanda de assistência psicológica, porém, detendo-nos especificamente no problema relativo à *tendência depressiva*, característico da pós-modernidade. Abordamos o diálogo das escolas de terapia (intertextualidade), e entre estas e o contexto social, ao ensejar a *formação discursiva* acerca do problema aludido.

Alvin Toffler recentemente fez projeções sobre o contexto sociocultural em emergência (sistema social), inferindo que o movimento *zen* é um profundo ataque às idéias e aos valores do iluminismo. O movimento iluminista dos séculos XVII e XVIII, promoveu a ciência, o ceticismo e o conceito de progresso. Foi o oposto da religião. Naquele tempo, havia um grande abismo entre religião e ciência. A tendência é que as duas coisas se aproximem cada vez mais.

Por outro lado o quadro epidêmico de depressão se apresenta, *segundo uma interpretação sociológica*, como introjeção pelos pacientes do estreitamento da experiência humana, induzido pela sociedade tecnocrática. Observe-se que estamos nos referindo aos aspectos dessa doença afetos ao ambiente, em detrimento dos aspectos explicados exclusivamente pelo equipamento biológico ou genético. Socialmente, a aludida tendência depressiva resultaria da incorporação ao pensamento dos valores e crenças dicotômicos e absolutistas, propiciados pelo sistema sociocultural. Os sintomas psíquicos da distímia atestam essa introjeção, porquanto são apontados seis tipos de erros sistemáticos no processamento das informações pelos pacientes distímicos: a inferência arbitrária, a hipergeneralização, a abstração seletiva, o exagero e a minimização, a personalização e o pensamento absolutista dicotômico. Desse modo, "o paciente deprimido freqüentemente apresenta um 'processamento falho das informações'. Os erros sistemáticos de processamento levam à manutenção das crenças negativistas do paciente, apesar das evidências contraditórias" (CORDÁS, NARDI, MORENO, 2002, p. 86).

A sociologia forneceu uma crítica do "individualismo racional" do sujeito cartesiano (o sujeito que se pauta pelas crenças e valores individualistas do Iluminismo), localizando ao contrário o indivíduo em processos de grupo e em normas coletivas, as quais subjazem aos contratos entre sujeitos individuais. Assim, enquanto os indivíduos são formados, subjetivamente, através de sua participação em relações sociais mais amplas, inversamente, os processos e estruturas sociais são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. A teoria da socialização explica o processo de identidade cultural, radicando-o num jogo que consiste na "internalização" do mundo exterior pelo sujeito e/ou na "externalização" da subjetividade pelo sujeito,

através da atuação no mundo concreto. Forjam-se identidades interativas, visando à integração do indivíduo e da sociedade. Pode-se então identificar a negociação entre diferentes papéis sociais numa mesma personalidade. Parafraseando Stuart Hall, este modelo sociológico interativo, com sua reciprocidade estável entre “interior” e “exterior”, é, em grande parte, um produto da primeira metade do século XX.

Entretanto, no mesmo período, um quadro mais perturbado e perturbador do sujeito e da identidade estava começando a emergir dos movimentos estéticos e intelectuais associado com o surgimento do Modernismo. [...] Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal (HALL, 2000, p. 32-33).

Haveria logo mais outros deslocamentos da identidade cultural, como a descoberta do inconsciente por Freud, arrasando o conceito do sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada. A partir de Freud, seguiu-se a decantação e a vigência da concepção lacaniana da identidade como um processo, e jamais uma coisa acabada, sendo nossa vocação de adultos procurar recapturar o prazer fantasiado da plenitude do eu, aprendida na infância, na qual em face do outro a criança se imagina como uma pessoa inteira. Poderíamos alinhar um terceiro descentramento do sujeito, decorrente do ponto de vista consistente em considerar a língua como um sistema cultural e não um sistema individual, consagrando a proposta de Ferdinand de Saussure. Os lingüistas modernos, como Jacques Derrida, sob a influência de Saussure, argumentam que o falante individual, apesar dos seus melhores esforços, não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, *inclusive o significado de sua identidade*. O significado é inerentemente instável. O ego procura sua identidade, mas é constantemente perturbado pela diferença, da qual depende o seu significado. Segundo Stuart Hall, "existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis" (HALL, 2000, p. 41).

Participou ainda na genealogia do sujeito e identidade modernos, segundo Foucault, o descentramento consistente num novo tipo de poder, que ele chama de “poder disciplinar”.

O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. [...] Seu objetivo consiste em produzir um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil. (DREYFUS; RABINOW, 1982, p. 135 apud HALL, 2000, p. 42).

O quinto descentramento apontado pelos estudos sociais corresponde ao conjunto de “novos movimentos sociais”, a exemplo do feminismo e do movimento gay. Essa onda reivindicatória trouxe o questionamento da distinção clássica entre o “privado” e o “público”. O seu *slogan* era: “*o pessoal é político*”. Politizando a subjetividade, o feminismo incrementa a “deserção da *res publica*”. Diante disso, exacerba-se a crise introduzida pela cidade moderna na articulação entre a vida privada e a vida pública.

Ao designarmos a pessoa como “sujeito”, a própria palavra usada denota unidade, substancialidade. No entanto, essa consistência ficou para trás, resquício histórico da concepção iluminista de identidade cultural. O processo de mudança conhecido como globalização, e seu impacto sobre a identidade cultural na modernidade tardia, empresta hoje à mudança um caráter ontológico. Cumpre-se, com maior rigor, a constatação de Marx e Engels, (apud HALL, 2000, p. 14) em meados do oitocentos, sobre o ambiente cultural da modernidade: “tudo que é sólido se desmancha no ar [...]”

Não é de estranhar que o sujeito fragmentado, vigiado e controlado com vistas a uma ductilidade, desenvolva formas de adaptação para sobreviver a tais circunstâncias, impostas pela dinâmica da vida social. Uma dessas formas de adaptação é o recurso à psicoterapia que, a partir do quadro de demanda emergente, se populariza, não se eximindo de imbricar-se numa diversidade de instituições, lado a lado com as demais técnicas de promoção humana. Aloca seus serviços, ante um público carente, em contigüidade com as práticas corporais reeducativas.

Desse modo, abre uma fronteira ao autoconhecimento, em suplemento a métodos de relaxamento e de dinâmica de grupo, praticados inclusive nas empresas, academias e equipes esportivas. Compatível com a angústia básica da existência, a psicoterapia integra uma estratégia social de plausibilidade das emoções e experiências autênticas, em nome da sobrevivência e do bem-estar dos cidadãos.

Como instrumento psicossocial que deve ser, compete à psicoterapia, por excelência, observar as críticas e propostas de B. S. Santos, quanto ao paradigma epistemológico que vem distanciando o discurso da ciência da compreensão e do controle pelos seus beneficiários. De fato, ela é um local de debruçamento sobre as condições particulares, subjetivas, em que uma individualidade desabrocha para o mundo, desde a concha obscura de seus conflitos irresolvidos. Trata-se de pesquisar e ajudar (com) o cliente a integrar o seu idioleto particular, mediante um processo de crescente equilíbrio indivíduo/sociedade, que lhe abra uma interação mais plena com a linguagem e com o ethos do contexto social.

Nesse aspecto reintegrativo do tratamento psicológico, incide a presunção de a terapia acomodar-se a interesses ideológicos, subjacentes ao sistema social. A propósito, citaremos um excerto do livro *A perspectiva científica*, do filósofo e humanista Bertrand Russell, obra de divulgação e reflexão epistemológicas dos primórdios do pós-modernismo. Julgava ele que a psicanálise não havia considerado com bastante profundidade a distinção entre fantasia e realidade, supondo que, para fins práticos, “fantasia” seja o que o paciente acredita e “realidade” o que o analista crê.

Mediante tal crítica da teoria psicológica da psicanálise, alertava para o fato que os leigos ou médicos só são reconhecidos como analistas depois de terem sido analisados, e no decorrer desse processo, presume-se que adotem o ponto de vista certo da realidade. Se conseguirem levar esse ponto de vista ou transmiti-lo aos pacientes, conseguirão a cura dos mesmos. "Sem entrar em sutilezas metafísicas, poderíamos dizer que a realidade é o que é geralmente aceito, enquanto fantasia é o que é apenas acreditado por um indivíduo ou grupo de indivíduos".

O filósofo B. Russell verbera a psicanálise por ser demorada e cara e, a seguir, alerta o leitor de que,

considerada como terapêutica, a psicanálise é uma técnica cuja finalidade é substituir os desejos pessoais por impessoais como fontes de crença sempre que os desejos pessoais se tornaram dominantes a ponto de interferirem com a conduta social (RUSSELL, 1956, p. 165 a 167).

Freud falhara na tentativa heróica de estabelecer a psicanálise como ciência empírica “exata”, e, portanto, neutra, como é a física. Porém, obtivera “um procedimento psicológico de investigação de processos psíquicos quase inacessíveis de outra maneira” (ASSOUN, 1996, p. 24). Não havia diferença entre pesquisar o ser neurótico e tratá-lo, na busca de liberar a autêntica realidade psíquica do enfermo, através do método da “associação livre”, “regra fundamental” da psicanálise. Freud inventou a metapsicologia como contraposição à psicologia clássica, que focalizava os fenômenos da consciência. *“A metapsicologia, nesse sentido, é o que apela, contra a ‘psicologia’, para a necessidade de fazer justiça aos ‘processos que levam para além do consciente’”* (ASSOUN, 1996, p. 31).

Prospera, por outro lado, a análise cultural do legado freudiano. O crítico literário Richard Webster denuncia nele o racionalismo, com suas implicações ideológicas. Em prejuízo das leituras em voga da doutrina psicanalítica, Webster ressalta, no seu livro *Por que Freud errou*, que o próprio inventor da psicanálise sempre se reconheceu como um racionalista, tencionando suplantá-lo, pelo esclarecimento científico, o lastro obscurantista que as religiões haviam implantado nas mentes. Contudo, Freud teria “pecado” ao incidir no velho dualismo dogmático e teológico. Apesar da frustração da tentativa freudiana de formular uma teoria da natureza humana adequada, tal tentativa teria sido importante, porque procurou dar guarida a muitos aspectos que outros teóricos, *ainda mais rigorosamente racionalistas que ele*, buscaram excluir quer de sua interpretação, quer da natureza humana. É necessário aceitar esse legado, para estar em condições de ir além da psicanálise e construir uma teoria

da natureza humana que seja consonante com a biologia darwiniana e que possua a força explanatória que falta à psicanálise (WEBSTER, 1999, p. 465).

Valemo-nos da complexa trajetória cultural do pai da psicanálise como exemplo ilustrativo do processo básico de identificação cultural. Recebeu ele uma educação aberta à filosofia do Iluminismo. Judeu *infiel e incrédulo, hostil a todos os rituais e à religião*, jamais renega sua judeidade. Declarou detestar Viena; entretanto, como lá cresceu, ficar-lhe-ia ligado por laços indestrutíveis. A partir de 1914, revê alguns dos conceitos básicos da psicanálise, como o do inconsciente e o do dualismo pulsional, revalorizando duas figuras da mitologia grega, Eros e Tânatos, a fim de postular a existência de uma pulsão de morte. Isso ocorreu "em um momento em que a sociedade vienense, já preocupada com a sua própria morte desde o fim do século, se confrontava com a negação absoluta de sua identidade". Segundo Stefan Zweig, Viena tornara-se "uma sombra cinzenta, difusa e sem vida, da antiga monarquia imperial." Na mesma época, o pai da psicanálise publicou um ensaio sobre a guerra e a morte, em que sublinhava a necessidade do indivíduo de organizar-se em vista da morte, a fim de melhor suportar a vida (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 277).

Transparece certo nexos entre os termos dessa revisão e a aludida crise de valores da sociedade vienense. A vivência específica de Freud não teria sido indiferente, mas servira de matriz para apreender uma homologia entre aquele contexto e a dinâmica do inconsciente humano. Ademais, Freud contribuiu assim para a identificação do "sujeito universal", problema central da modernidade. Assim, Freud supria também sua própria identidade cultural. A construção da identidade cultural envolve a subjetividade, "a relação com o eu" na qual um sujeito se reconhece e se constitui como sujeito. O desempenho do sujeito (*performance*) antecede a identidade assumida. Ele investe sua personalidade (desempenho existencial, vivencial, cognitivo), no processo interativo, contínuo de atualização da identidade. É em si próprio que opera a síntese do passado com as condições socioculturais do presente, assumindo posições

de identidade que os discursos da identidade lhe oferecem (SILVA, HALL, WOODWARD, 2000, p. 15).

Torna-se impositivo reconhecermos o nexo do pensamento existencialista, no âmbito da psicologia, com a necessidade generalizada de fazer face à crise de identidade, perquirindo a questão básica, o sentido da existência (MAY, 1974). Essa crise por si mesma, como vivência de vazio existencial, induz o sujeito a confiar os seus arcanos, ao recorrer ao âmbito da psicoterapia, para aprofundar sua experiência de vida. Por outro lado, ressalte-se que certos temas da psicologia vêm sendo especialmente debatidos através da mídia, incrementando, portanto, o processo de comensurabilidade do discurso científico com os discursos normais que circulam na sociedade e dão sentido às práticas e relações sociais individuais que a constituem.

ATENDENDO À DEMANDA SOCIAL

A definição clássica de psicoterapia é o tratamento por meios psicológicos de problemas de natureza emocional, no qual um profissional treinado deliberadamente estabelece relação específica com o paciente, com o objetivo de

- remover, modificar ou retardar sintomas existentes;
- corrigir padrões de comportamentos desadaptados;
- promover o desenvolvimento e o crescimento positivo da personalidade.

Por essa definição, as técnicas psicoterapêuticas abrangem três possibilidades de abordagem:

- psicoterapias de apoio;
- psicoterapias reeducativas;
- psicoterapias reconstrutivas.

O termo “psicoterapia” abrange todos os métodos de tratamento psicológico, inclusive a psicanálise. A psicanálise é a técnica psicoterapêutica reconstrutiva por excelência. Entretanto, a modernidade tardia tem sido marcada por terapias basicamente reeducativas, como a logoterapia, o rogerianismo, a bioenergética, o psicodrama, a biodança, a gestalt-terapia, a hipnoterapia e o treinamento autôgeno, introduzindo, na esteira deste último

modelo, terapias corporais, e/ou métodos pioneiros de relaxação, para opor-se ao estresse e ao desajuste da vida atual. A sabedoria popular vem incorporando práticas psicossomáticas tiradas do repertório oriental, nas quais a episteme do Ocidente iria abeberar-se. Por sua vez, a auto-ajuda foi institucionalizada, recentemente, para estimular o indivíduo a resolver dificuldades de ordem psicológica fazendo uso dos próprios recursos mentais e morais.

Observamos na psicoterapia a convalidação da prática investigativa chamada “dupla ruptura epistemológica”: “uma vez feita a ruptura epistemológica com o senso comum, o ato epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica” (SANTOS, 1989, p. 41). Essa prática está representada pela incorporação da sabedoria oriental à psicoterapia, numa associação com as práticas do loga. (Na medicina psicossomática, esse hibridismo se manifesta através do treinamento autógeno, método de “auto-relaxação concentradora”, no qual se basearam todas as outras psicoterapias fundadas no relaxamento). Onde resulta a valorização e integração de métodos de meditação que associam a prática corporal e a terapia. Normalização do discurso científico, no âmbito da psicoterapia, de modo a permitir uma comensurabilidade entre o discurso da ciência e o do homem comum, num diálogo entre os dois níveis de pensamento anteriormente separados, o científico e o do senso comum, ou bom senso, enquanto inteligência emergente do senso comum. O discurso da psicologia deverá tornar-se algo cada vez mais familiar e comensurável à vida cotidiana, numa derrogação da hegemonia incondicional do saber científico. Nova atitude gnosiológica, portanto, em sintonia com o pós-modernismo, emancipa o sujeito das limitações da tradição científica, confirmando que a ciência estaria recobrando sua função social perdida, após três séculos de prodigioso desenvolvimento.

O co-autor de *Principia mathematica* prognosticava, em meados do século XX, a síntese de recursos terapêuticos, inclusive com o uso de chás e/ou remédios. “Para fins práticos de técnica educacional, penso que o educador deverá agir como um psicanalista quando se interessar por assunto que toque instintos poderosos, e como behaviorista nos assuntos

em que a matéria não tenha importância emocional para a criança" (RUSSELL, 1956, p. 167). Analogamente, o fisiologista Pavlov, que forneceu as bases reflexológicas do behaviorismo, já prognosticava para a abordagem do fato psíquico uma atitude hermenêutica, em detrimento da exclusiva neutralidade epistemológica: "A psicologia, no que toca ao subjetivo do homem, tem o natural direito de existir; porque o nosso mundo subjetivo é a primeira realidade que deparamos". (apud RUSSELL, 1956, p. 47).

A Terapia Cognitiva Comportamental (TCC), *prescrita para curar a distímia em associação à quimioterapia*, integra esta perspectiva híbrida.

A terapia cognitiva foi elaborada por Aaron Beck e seus colaboradores, ao longo dos anos de 1963 a 1979, primeiramente para o tratamento da depressão, atualmente associando-se o enfoque comportamental. Em resumo, é uma terapia ativa, diretiva, estruturada e limitada no tempo, cujos objetivos são ensinar o paciente a reconhecer as cognições negativas e as conexões entre cognição, afeto e comportamento; examinar as evidências contra e a favor de pensamentos que são automaticamente distorcidos, imaturos e a substituir estas cognições por interpretações mais orientadas para a realidade.

Dentre as psicoterapias reeducativas, encontra-se a TCC, considerada uma abordagem terapêutica fundamental em psiquiatria. Constituiu uma reação à psicanálise, cujos conceitos inculcava de subjetivismo e de incorrerem em tautologias e auto-explicações dogmáticas. Reagia também contra o princípio psicanalítico segundo o qual toda conduta tem uma causa interna.

Concentra-se no comportamento e afirma que as condutas indesejadas são adquiridas em nossa história de vida, podendo ser modificadas e substituídas por outras mais adequadas. Desse modo, concentra-se no aqui e agora, supondo que a história passada não pode ser modificada, tendo relevância, tão-somente, em vista dos efeitos atuais que possa propiciar.

A proposta básica é estimular o paciente a mudar sua forma negativa de ver o mundo e a avaliar objetivamente as evidências para ter uma explicação mais otimista. A terapia cognitivo-comportamental está estruturada em 12 a 20 sessões de 45 minutos por aproximadamente 12 semanas (CORDÁS/

NARDI/MORENO, 2002, p. 87). Em função de sua filosofia, a TCC envolve uma determinação de objetivos claros e específicos, atuando em vários níveis de funcionamento do indivíduo: o comportamento, a emoção, as reações fisiológicas e a forma como a pessoa percebe o que lhe acontece. A mudança deverá ocorrer em todos esses níveis, sem que haja uma ênfase maior em qualquer um deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de atribuir sentido à existência é dificultada pelas circunstâncias da pós-modernidade:

1. a deserção de qualquer apoio transcendente como suporte para os valores, no ambiente impessoal e burocrático da sociedade urbana;
2. os atrativos frívolos da cultura do consumo e suas decepções, antecâmara da depressão;
3. a fragmentação da identidade cultural, com o deslocamento do centro de referência do sujeito, determinando a ruptura do conceito moderno e integrado do eu.

A ruptura epistemológica da ciência pós-moderna tem na psicoterapia um exemplo ilustrativo, ao subsumir a comensurabilidade do discurso da ciência com o discurso normal que circula na sociedade e dá sentido às práticas e relações sociais individuais que a constituem. Esta convergência de sentidos (enquanto viável) contribui para o aprofundamento da autocompreensão, pelo sujeito, do seu papel na construção da sociedade.

Ao tratar o “mal do humor”, ocasionado pela complexidade da vida contemporânea, a psicoterapia (a exemplo da medicina) vale-se desse diálogo sem abdicar do compromisso científico. Assim, reeduca o cliente para habilitar sua sabedoria prática, perante o quadro de crise na conquista e preservação da identidade pessoal e social.

DIALOGUE BETWEEN THE PSYCHOTHERAPY AND THE POST-MODERN CONTEXT

ABSTRACT — *Due to the effort to accompany the fast social evolution, the humanity is threatened by a depression epidemic. Its confront involves the resource to the chemotherapy and the psychotherapy. The changes affect the notion of individuality, essential in the Iluminism. The psychotherapy gathering theoretical and practical sources of reflection invests in the recovery of the individual's basic emotional pattern. An answer is configured in face of the emergency of new and surprising cultural determinants.*

KEY WORDS: *Autonomy; Depression; Identification.*

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

CORDÁS, Táki Athanássios; NARDI, Antonio Egídio; MORENO, Ricardo Alberto. **Distímia: do mau humor ao mal do humor**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Londres: Polity Press, 1992.

FOUCAULT, Michel. **The uses of pleasure**. Harmondsworth. Penguin: 1987.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida - São Paulo: Santuário, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HUGHES, James J. "A criônica e o destino do individualismo". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves, in **Mais!**. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 nov. 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Tradução Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.

LIPOVETSKI, Gilles. “Beleza para todos”. Entrevistado pela repórter Silvia Rogar, *Veja*. São Paulo. Editora Abril, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUSSELL, Bertrand. **A perspectiva científica**. Tradução de João Baptista Ramos. São Paulo: Nacional, 1956.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SILVA, Jorge Alberto Costa e. “O mal do século XXI”. Entrevistador Paulo César Teixeira. **Isto é**, São Paulo, n. 1470, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn.(Org.). **Identidade e diferença**. Tradutor, Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOUZA, Paulo César (Org.). **Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan**. Tradução Isa Mara Lando e Paulo César Souza. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WEBSTER, Richard. **Por que Freud errou**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 1999.